

DOCENTES DO VALE DO MAMANGUAPE: DENTRO E FORA DO ARMÁRIO

JOANDERSON DE OLIVEIRA GOMES

Bolsista CAPES, Mestrando em Educação, pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, joander-sonoliveira@hotmail.com;

JOSEVAL DOS REIS MIRANDA

Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, josevalmiranda@yahoo.com.br;

MERY CRISTIANE BATISTA PACHECO

Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, merycbpacheco@gmail.com;

RESUMO

O presente estudo busca, ainda que de forma breve promover uma reflexão a respeito da identidade docente atrelada as questões de gêneros e sexualidades. A análise se constituiu a partir da figura do docente homossexual e sua inserção e atuação na instituição escolar. A pesquisa faz parte de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CE), da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Analisamos neste artigo as narrativas um docente bissexual e uma docente lésbica que atuam na cidade de Mamanguape/PB. Dessa forma elencamos como objetivo geral: analisar de que maneira um/a professor/a homossexual constrói sua identidade docente. Enquanto específicos pretendemos: a) depreender sobre como a escola tem lidado com as questões de gêneros e sexualidades; e b) retratar o processo de construção da identidade docente. As primeiras impressões advindas da análise dos dados apontam para a necessidade da formação para professores no tocante as questões de gêneros e sexualidades e traçam contornos de uma escola que se mostra conservadora e heteronormativa. O referencial teórico-metodológico se constitui a partir dos estudos de Louro (2019), Junqueira (2013), Borrilo (2016), Trevisan (2018), Alberti (2010), Nóvoa (2007), entre outros.

Palavras-chave: Docência, Homossexualidade, Gêneros, Sexualidades, Escola.

INTRODUÇÃO

A escola é o espaço onde todos e todas passamos boa parte de nossas vidas, como instituição formadora a escola tem a função social de educar, de fornecer acesso ao conhecimento historicamente acumulado e nos possibilitar ferramentas para que possamos viver e olhar o mundo de forma crítica. Sendo a escola o espaço onde todos e todas vão é pertinente dizer que ela é um local da e para a diversidade.

Na esteira desse pensamento torna-se oportuno refletirmos sobre o espaço educativo e nas formas como a escola tem lidado com as questões que perpassam o campo dos gêneros e das sexualidades. Embora não devesse a escola parece ter uma sexualidade instituída, conforme nos afirma Franco (2009, p. 101) “a escola efetiva-se como um espaço legitimador da identidade heterossexual considerada historicamente como a única e a possível”.

Na mesma direção, Junqueira (2013, p. 483) alerta que “a escola é um espaço destinado na produção, reprodução, e atualização da heteronormatividade”. Transitar nesse espaço – seja discente ou docente – é no mínimo desafiador, aqueles que o fazem podem ser tidos como transgressores, sujeitos que atentam contra os princípios morais, ou tido como anormais.

Conforme Silva e Miranda (2018, p. 5) “a escola tem se configurado desde a sua criação num espaço de manutenção de valores sociais majoritários, a exemplo da naturalização da heterossexualidade”. Neste trabalho focaremos a nossa atenção para a figura docente homossexual, pretendemos dessa forma analisar seu processo de inserção no espaço educativo, bem como os possíveis entraves que fizeram (ou fazem) parte de seu percurso.

É importante ressaltar que sempre que mencionarmos as palavras “gêneros” e “sexualidades”, grafaremos no plural, pois é exatamente assim que compreendemos os gêneros e as sexualidades, a partir da riqueza de possibilidades e não como definições únicas de formas binárias de se viver cotidianamente, entendidas entre masculino/feminino. Para além disso, evidenciamos o sentido político que os termos carregam em si, como forma de afirmação e resistência ao direito de ser diferente, não como sinônimo de anormalidade, mas como expressão da diversidade.

O presente estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba – (PPGE/CE/UFPB). Nosso interesse é a

partir de narrativas docentes analisar o processo de formação de professores e professoras homossexuais, assim como inferir sobre como tem sido o seu transitar no espaço educativo.

Nesse sentido elencamos como objetivo geral: analisar de que maneira um/a professor/a homossexual constrói sua identidade docente. Enquanto específicos pretendemos: a) depreender sobre como a escola tem lidado com as questões de gêneros e sexualidades diante do/a professor/a homossexual; e b) retratar o processo de construção da identidade docente homossexual.

Miranda (2018, p. 176) afirma que “queiramos ou não a sexualidade está lá, na sala de aula, nos pátios da escola, nos banheiros, nas piadas e outros espaços”. Não apenas a heterossexualidade, mas todas as possibilidades de sexualidade perpassam o campo educativo, oportunizar um currículo escolar na perspectiva do respeito a diversidade é a grande missão das instituições de ensino, no entanto a escola ainda demonstra uma certa resistência para esses assuntos, e dessa forma “gênero e sexualidade vão sendo trabalhados à margem” (FELIX, 2015, p. 229)

Apesar dos muitos entraves enfrentados os homossexuais tem atuado no espaço público, fugido a esfera do privado e lutado para conseguir espaço e respeito em um meio social que historicamente aprendeu que só existe normalidade na heterossexualidade, uma sociedade onde o que se pensa sobre os homossexuais os colocam em uma posição de subalternidade (SALES, 2019).

Para Louro (2019, p. 37) “a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual [...]”, pois historicamente a escola não tem lidado bem com a diferença, e vem reproduzindo uma homofobia que Borrilo (2016) chamou de “liberal”, segundo o autor a compreensão que se institui é que a homossexualidade configura-se como uma escolha da vida privada e por isso dever permanecer limitada a esse espaço.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para responder às questões postas por este estudo é a história oral, reconhecida por valorizar a memória dos sujeitos, resgatando a tradição oral e as experiências vividas por atores sociais colocados à margem da história tradicional.

É fato que tal metodologia contribuiu para o alargamento do campo de investigação historiográfica na medida em que passou a ouvir atores sociais

comuns, deixados em diversos momentos a margem da história dos grandes heróis.

Através dos relatos orais de docentes homossexuais pretendemos desvelar como a instituição escolar tem lidado com o/a profissional que possui uma orientação sexual que difere da tida com o natural/normal, pelos discursos presentes em nossa sociedade.

O que pretendemos através das narrativas docentes é traçar possíveis contornos que nos oportunizem compreender o transitar de docentes homossexuais no espaço educativo, nesse sentido não estamos na busca de verdades absolutas ou inquestionáveis, mas registrar vivências que estabelecem relação com contextos sociais e pessoais que precisam ser aqui considerados. Conforme nos diz Minayo (2014, p. 154) “as narrativas de vida nunca serão uma verdade sobre os fatos vividos, e, sim, uma versão possível que eles atribuem os que vivenciaram os fatos”.

No tocante a história oral, Alberti (2010, p. 155) a define como “uma metodologia de pesquisa” que tem como fonte para coleta de dados as narrativas, valorizando o indivíduo, o ato narrador, suas vivências. Nesse sentido, a investigação dos fatos narrados pelos docentes entrevistados pode nos ajudar a compreender as nuances que perpassaram seu processo de construção da identidade docente e sua inserção no espaço educativo.

A reflexão sobre docentes homossexuais parte do contexto social no qual nos inserimos. Ainda vivemos em uma sociedade que de modo geral não compreende a homossexualidade como uma possibilidade da diversidade sexual, mas como anormalidade, tomando por parâmetro a heterossexualidade como normal. (TREVISAN, 2018)

Para Moita (2007, p. 114) “compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessa a vida”. Poder ter acesso ao processo formativo de um sujeito nos permite compreender a singularidade de suas vivências, o modo único como eles agiram e reagiram as mais variadas situações que de diferentes modos os perpassaram. Ainda nas palavras da autora “ninguém se forma vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações”.

Para geração de dados foram realizadas entrevistas, a partir de um roteiro norteador, onde tivemos como objetivo estabelecer um diálogo com os sujeitos da pesquisa. Nessa direção Flick (2009, p. 164) afirma que “as narrativas, [...] permitem ao pesquisador abordar o mundo empírico até então estruturado do entrevistado, de um modo abrangente”.

Os sujeitos que compõe essa pesquisa são professores e professoras homossexuais que atuam em escolas públicas e/ou privadas da cidade de Mamanguape/PB. O trabalho original – que se encontra em sua fase inicial – do qual essa artigo deriva já mapeou dez docentes do vale do Mamanguape, para feitura deste artigo analisaremos os relatos de dois docentes, um professor bissexual e uma professora lésbica, como forma de preservar suas identidades eles a partir de agora serão chamados de Docente A e Docente B, respectivamente.

A análise será realizada a partir de Bardin (2016, p. 93) quando compreende a entrevista como um método de investigação muito específico, conforme a autora nesse tipo de investigação “lidamos com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orquestra mais ou menos à sua vontade”.

Em pesquisas com narrativas a subjetividade é algo que está muito presente e dessa forma precisamos estruturar esse relato para que na dinâmica pessoal implicada nos relatos consigamos inferir sobre o que o/a entrevistado/a diz, pensa, fala e argumenta sobre a temática proposta.

Conforme Bardin (2016, p. 100) desenvolvemos uma análise temática onde buscamos inferir sobre o/a docente homossexual e sua inserção no espaço educativo, nesse sentido buscamos em suas falas as aproximações e distanciamentos com relação a temática proposta, “ao concentrarmos-nos mais no tema geral da investigação, podemos extrair os significados associados na mente da pessoa entrevistada”.

Nesse sentido a autora nos leva a entendermos que não basta a leitura das narrativas para que possamos compreender, é necessário que sejam feitas inferências a partir das falas, que nos oportunizem de fato analisar os ditos e os não ditos. “O que está dizendo essa pessoa realmente?”, “como isso é dito?”, “como as palavras, as frases e as sequências se encaixam entre si?” (BARDIN, 2016, p. 98)

O roteiro norteador da entrevista, citado anteriormente, é aqui entendido como um fio condutor que busca aprofundar o diálogo e orientá-la com os fins propostos na pesquisa. É importante ressaltar que esse roteiro não visa engendrar a entrevista. A perspectiva desse fio condutor é fomentar o diálogo e abrir espaço para que outras falas surjam no momento da entrevista, que digam sobre os momentos vivenciados pelo sujeito entrevistado e sobre sua formação e vivência enquanto professor/a e homossexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivemos em uma sociedade marcada pelo preconceito e pela resistência a tudo e a todos que se mostre diferente do que foi instituído enquanto normalidade. Dados do Relatório do Grupo Gay da Bahia, registrados por Oliveira e Mott (2020, p. 12) afirmam que “em 2019, 329 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%).

Além da violência física homossexuais enfrentam o preconceito de outras formas, como por exemplo o caso recente de um professor que foi exonerado do cargo após exibir um clipe musical, intitulado “Etérea” do cantor Criolo, em uma de suas aulas. A perspectiva era trabalhar a questão da homossexualidade com os alunos. O caso ocorreu na cidade de Criciúma - SC, na ocasião o prefeito, Clésio Salvaro, anunciou a demissão do docente e alegou que a administração não concordava com o conteúdo “erotizado” e a “viadagem na sala de aula”.¹

Embora tenhamos avanços importantes na contemporaneidade, como a criminalização da homofobia, o casamento civil homoafetivo, entre outros, o caminho percorrido não foi tranquilo e nem linear, muitas lutas foram travadas na conquista de direitos fundamentais a existência de homossexuais, o direito de ir e vir sem ser agredido física ou verbalmente, o direito a poderem casar com todas as prerrogativas e garantias legais, o direito de constituir sua própria família, entre outros, direitos esses que os homofóbicos chamam de privilégios, mas que trata-se de uma luta legítima por igualdade. Essa luta continua até hoje, principalmente contra classes conservadoras e religiosas do nosso país.

Dentro desse cenário, o espaço educativo tem enfrentado a missão de lidar com a diversidade, em toda sua pluralidade, entre elas a homossexualidade. Um desses sujeitos é a figura do/a professor/a, e como já mencionamos nosso interesse é depreender como a escola tem atendido as demandas postas por essa realidade.

Como forma de compreender essa dinâmica analisaremos os relatos obtidos através de um docente bissexual e uma docente lésbica do Vale

1 Fonte: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/08/31/professor-que-exibiu-clipe-com-tematica-lgbtqia-em-criciuma-pensou-em-deixar-regiao-diz-advogado.ghtml>

do Mamanguape. Devido ao período pandêmico, gerado pela Covid-19², que estamos vivenciando as entrevistas foram realizadas via plataforma *Google Meet*, gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

O Docente A, é bissexual, tem 32 anos, leciona a quatorze anos, atualmente trabalha com turmas do ensino médio e atua em uma escola Cidadã Integral da cidade de Mamanguape/PB. Em nosso diálogo ele começa a falar sobre sua infância e como foi percebendo que de alguma forma era diferente dos demais colegas, fala sobre a descoberta da atração por ambos os sexos, “*a gente vai se descobrindo a cada dia, é bem difícil né?*” (Docente A, junho/2021).

Conforme o Docente A nos relata, sua época de escolarização foi marcada por preconceito e discriminação, de alguma forma as demais crianças percebiam que ele era diferente dos demais, ocasionando uma série de apelidos, ele afirma ter sido perseguido por colegas de turma, por ser “difetente”. Com relação a família ele nos diz que nunca sentou com eles para afirmar sua bissexualidade e que até hoje essa conversa nunca existiu, a vida foi seguindo seu curso, até que todos entendessem o que acontecia. Em suas palavras ele nos diz:

[...] eu nunca tive essa conversa diretamente, nunca sentei e conversei, mas eu sinto que há um respeito muito grande, porque na altura da vida que eu estou, já moro só, trabalho há muitos anos, nunca apresentei uma namorada fixa, todos eles já sabem da minha opção, só que eles não chegam para mim para falar e também eu não chego para eles para falar, a gente só se respeita, fica subtendido. (Docente A, junho/2021).

Durante o diálogo frases como “*nunca apresentei uma namorada*” tendem a se repetir, o que demonstra uma vivência afetiva com pessoas do mesmo sexo mais frequente, mesmo o entrevistado se declarando bissexual. Em sua época de escola toda a perseguição relatada por ele vem embasada em ofensas que buscavam ferir sua masculinidade, o inferiorizando com apelidos pejorativos que iam de encontro ao que socialmente se estabeleceu como atributos de determinados gêneros e não de outro.

Ele nos conta ainda que sua experiência na universidade ocorreu de forma muito tranquila, e como ele sempre foi “*muito na dele*”, como ele

2 A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>

mesmo afirma, não teve experiências que fizessem relação com sua sexualidade. Segundo ele as discussões sobre gêneros e sexualidades em sua época universitária ocorriam *“em momentos oportunos, datas, ou em eventos”*.

Na sua busca por emprego nunca teve dificuldades em ser contratado em escolas, nunca sentiu nenhuma resistência por sua identidade sexual, dos quatorze anos de docência, de oito a nove anos desse período ele trabalhou com o público infantil e atribui isso à sua postura profissional. *“Sempre no meu local de trabalho eu prefiro não falar, eu sempre me porto no meu setor de trabalho só profissionalmente assim, [...] eu sempre me porto na minha e não falo nada da minha vida pessoal não”*. (Docente A, junho/2021).

Essa ideia de manter-se no privado e nunca ter falado sobre sua identidade sexual é recorrente na fala do Docente A, e iremos notar isso nos próximos registros, tal afirmação remete-se muito ao que Trevisan (2018, p. 23) chamou de “o silêncio que os envolve”, e o que Borrilo (2016, p. 17) corrobora, afirmando que a homossexualidade é “aceita na esfera íntima da vida privada”.

O silenciamento a que muitos homossexuais são levados é fruto de um ideal de proteção, uma forma de se privar da discriminação que perpassa o nosso campo social. Embora o “assumir-se” seja considerado um ato político, manter-se em silêncio para alguns, funciona como defesa e mesmo um distanciamento que pode os inibir de sofrerem algum tipo de agressão verbal ou mesmo física por conta de sua identidade sexual.

O indagamos sobre como as questões de gêneros e sexualidades são desenvolvidas na escola onde suas funções docentes são exercidas, e ele nos fala sobre um espaço aberto a diálogos e também a diversidade.

Hoje na escola que eu trabalho [...] é uma escola cidadã integral, e é uma linguagem diferente eu diria assim, não é mais aquela escola tradicionalista e lá a gente tem também professores homossexuais, professoras altamente bem resolvidas, são assumidas, que falam nas aulas quem são, inclusive são as mais queridas, então é bem tranquilo assim, é bem falado, bem aberto, é bem naturalizado dentro da escola esses temas. (Docente A, junho/2021).

É interessante observar como as marcas de uma sociedade homofóbica permanecem em sujeitos que em algum momento passaram por situações de discriminação, mesmo trabalhando em uma escola onde colegas de trabalho falam abertamente sobre sua sexualidade, e que conforme suas palavras *“são os mais queridos”* o Docente A permanece em silêncio, no sentido de

verbalizar sua identidade sexual. “*Eu sou mais de separar, deixar o que é de casa em casa, deixar o que é intimidade só para mim, meu profissional é totalmente afastado de todo resto*” (Docente A, junho/2021).

Embora o Docente A fale de uma dicotomia possível entre o eu-pessoal e o eu-profissional, nós compreendemos as duas esferas como indissociáveis, na perspectiva que uma diz sobre a outra e conseqüentemente a influencia, e isso reverbera na forma como ensinamos, “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoas quando exercemos o ensino”. (NÓVOA, 2007, p. 17)

Um exemplo disso é a resposta dada pelo Docente A, quando indagado se alunos homossexuais (assumidos ou não) tendem a ter mais proximidade dele, ele nos respondeu: “*Sim, sim. Isso aí eu percebo. Quando eu tenho um aluno ou aluna que tem opção, eles meio que se... é como se a gente fosse uma ponte, eles ficam meio que agarradinhos na gente*” (Docente A, junho/2021).

Podemos observar a partir dessa afirmação que o fato de não verbalizar sua identidade sexual na escola não impede que ela o acompanhe na sua prática docente, mesmo afirmando que a parte profissional é totalmente afastada de sua vida particular, podemos perceber que os demais alunos percebem sua singularidades e os que com ela se identificam veem nele uma representatividade, “*uma ponte*” como ele mesmo afirmou.

Eu consigo diferenciar bem as duas coisas, para mim ser professor, é no âmbito profissional, fazer só o trabalho pedagógico mesmo, agora como eu lhe disse né?, isso não deixa o meu lado homossexual quando identifica uma criança que tem, ou tem tendência a ser ou que já saiba que é a se aproximar mais de mim e eu sempre tenho aquele olhar mais de acalanto para ele porque eu já fui da idade deles e já passei pela mesma coisa. (Docente A, junho 2021).

Mesmo com o controle sobre o não falar, a sexualidade existe e persiste no espaço educativo, continua circulando dentro da escola. Um dado interessante é que conforme podemos observar na infância e adolescência o Docente A passou por situações homofóbicas, conforme relatados no parágrafos anteriores, entretanto quando indagado sobre a vivência docente, se sofreu algum tipo de discriminação ou foi tratado de forma diferente ele nos diz “*eu acredito que algumas pessoas já passaram por isso, eu nunca tive essa experiência negativa, mas eu já ouvi colegas dizerem que já se sentiram assim*” (Docente A, junho/2021).

A Docente B, é lésbica, tem 43 anos, leciona a vinte e quatro anos na rede municipal de Mamanguape/PB. Membro de uma família numerosa, totalizando 38 irmãos fruto de três casamentos de seu pai, ela nos conta que seu processo de descoberta foi complicado, afirma vir de uma família muito tradicional, de pouca instrução e quando se percebeu lésbica era membro de uma igreja evangélica.

A religião interferiu muito no seu processo de aceitação, gerando dúvidas, incertezas, questionamentos sobre quem ela era de fato. O medo da rejeição, as relações de poder que se estabeleciam nas decisões que precisavam tomar ficam nítidas em sua fala.

[...] então você imagina o mundo, a cabeça de uma adolescente de 15 anos, [filha] de um pai extremamente ignorante, e de que casos como esse eram aberrações na família, foi muito complicado para mim, muito dolorido, porque eu não tinha com quem dialogar, eu não podia falar isso em casa, não podia falar isso com minha mãe, não podia conversar isso com os amigos, porque era um dilema muito grande, como é que uma pessoa, uma evangélica, agora estava sentido desejo por alguém do mesmo sexo? (Docente B, julho/2021).

Conforme nos foi relatado pela docente B, a compreensão de que era lésbica só veio aos 15 anos por nunca ter passado por situações onde sua sexualidade fosse questionada, por se vestir conforme esperado socialmente para os padrões femininos e não possuir trejeitos. Afirma ter tido uma infância tranquila e longe de qualquer “suspeita”, e acredita que o manto da religiosidade fazia com que as pessoas não suspeitassem de nada. A percepção de sua sexualidade só veio a partir do contato com uma mulher, membra da igreja que ela frequentava.

[...] era uma pessoa dentro da igreja, uma pessoa 24 anos mais velha do que eu, uma pessoa que tinha muita consciência do que estava fazendo, eu já não tinha tanta, né?, apesar que com 15 anos você já percebe as coisas, mas aí no mundo religioso muita coisa eu confundi. Confundia a amizade, o cuidado que ela tinha, e depois foi que eu percebi, quando ela começou a forçar mais para se aproximar foi que eu percebi, na verdade não era amizade mais, não era só proteção, era o desejo, o querer físico. (Docente B, julho/2021).

Pela proximidade com a sua companheira a família começou a desconfiar de sua sexualidade e quiseram até mandá-la para o Rio de Janeiro. “Eu

seria enviada para o Rio, para a casa de parentes, porque não tinha condições de manter em uma cidade pequena como Mamanguape uma filha lésbica”. Acabou não indo, pois afirmou que preferia ir para rua a ir embora como uma fugitiva. A pressionaram então para arrumar um namorado, “então a pressão aumentou ainda mais, aquela história de quererem arrumar um namorado para que tentasse abafar os comentários, ainda namorei uns 3 meses”, pretendiam já marcar o casamento quando ela resolveu pôr um fim no relacionamento.

Sobre sua vivência universitária diz que foi muito tranquilo não tendo problemas com relação a sua sexualidade.

Na verdade foi muito tranquilo, não tinha dificuldade em sala de aula, até porque eu não tive relações dentro da universidade [...] nunca partilhei isso dentro da universidade, até porque ninguém percebia, e para mim de certa forma [...] para mim era cômodo, não me auto declarar, porque isso me privava, me protegia de certos ataques. (Docente B, julho/2021).

Sua sexualidade só veio a público já no exercício da profissão docente, quando uma ex-companheira insatisfeita com o fim do relacionamento divulgou tudo sobre elas duas na própria escola onde a Docente B trabalhava. Situação que foi esclarecida com a direção e que não gerou grandes problemas, no entanto dali em diante ela afirma que algumas coisas começaram a mudar, “*me deu coragem de verdade, para que eu pudesse me assumir, para que eu pudesse caminhar como sou de verdade, para minha própria identificação sexual, de gênero, e de lá para cá não tive mais esse medo*”. (Docente B, julho/2021).

Assim, como o Docente A, a Docente B relata sobre como o silenciamento sobre sua sexualidade lhe servia como proteção, e durante muito tempo não havia sofrido homofobia, no entanto, como veremos adiante, após o fato de ela ser lésbica não ser mais um segredo o cenário muda e a discriminação toma corpo e forma, fato que vai de encontro a afirmação de Borriolo (2016, p. 77) quando elucida que “as práticas homossexuais e suas manifestações são de natureza privada e permitidas com a condição de circunscritas a esse espaço”.

Na continuação de seu relato a Docente B nos conta que após se “assumir”, a defesa que ela tinha pela comunidade LGBTQIA+, na perspectiva de sempre se posicionar contra qualquer tipo de discriminação ou homofobia passou a ser vista de outra forma e muitos afirmavam que ela só defendia porque era lésbica.

Eu me lembro muito bem de uma colega de trabalho, não vou citar aqui o nome, na época que trabalhava comigo lá no [Escola Municipal de Ensino Fundamental] Padre Geraldo, eu iniciei lá, e havia uma afirmação a respeito de uma pessoa na cidade, os burburinhos de sempre e ela muito indignada falava né, na verdade na época a gente não tinha nem essas definições dos nomes propriamente, e ela zombava muito, é porque fulano deve usar a camisa do L, que é a dalésbica, corrigindo, não era do L, era do S de sapatão, um deveria usar o V de viado, e o outro era uma interrogação (?) porque eles não sabiam o que era, ela ria e debochava, e isso era uma conversa desnecessária, principalmente quando se estava fazendo planejamento de aula, você estava ali para planejar, discutir aula, e eu sempre falava que isso eram questões que a gente devia respeitar, mas sempre fui muito voto vencido. (Docente B, julho/2021).

Podemos observar a partir dos relatos da Docente B como a sexualidade faz parte do cotidiano escolar, nem sempre da forma educativa como esperamos, mas ela circula nos discursos preconceituosos de docentes que não entendem e não buscam entender, quiçá respeitar a diversidade. As declarações rememoradas na citação acima demonstram um profundo desconhecimento das questões referentes a gêneros e sexualidades, e ficamos nos indagando como seria a prática dessa colega de trabalho relatada por nossa entrevistada e como ela lidaria com a diversidade sexual que poderia vir a encontrar em sua sala de aula. Conforme Sales (2019, p. 14) “os discursos produzidos sobre LGBTTs os colocam em posição de subalternidade e abjeção”.

As coisas ficaram mais complicadas quando ela assumiu um relacionamento e ambas passaram a usar alianças. Conforme ela descreve:

[...] o fato da gente usar aliança, o fato da gente postar foto ao lado da namorada, da companheira, era criticado, e eu lembro muito bem da situação em que, 2018 eu estava enquanto gestora na escola Iracema Soares e um grupo de alunos nos procurava do oitavo ano da manhã, para fazer queixa de dois professores que estavam inibindo a postura deles e as falas, principalmente no que se referia as questões de gênero, eram turmas que a gente já tinha orientado nas discussões no que falavam muito do setembro amarelo porque a gente tinha conseguido acompanhamento para alguns adolescentes que estavam com muita dificuldade em casa, com relação a própria identificação, alguns estavam fazendo auto mutilação e a gente tinha puxado algumas palestras e havia direcionado também para que as pessoas tivessem essa abertura de conversa, de diálogo, de identificação

e que a gente pudesse está dando suporte enquanto instituição. E eles nos procuraram para falar a respeito desses dois professores, por coincidência um de história e um de geografia, mas a de história estava atuando como geografia e o de geografia como geografia e o ensino religioso, a gente sempre pediu que não usasse como ensino religioso, mas sim como ética para não ter a questão de direcionamentos, de fé, religião em si. E quando eu soube disso eu chamei os dois professores para conversar e foi um embate muito grande que a gente teve que acabou culminando em uma reunião com todo o corpo da escola e eu disse que a gente não admitiria esse tipo de postura, os dois professores não entenderam que quem estava falando ali era uma educadora igual a eles, mas eles acharam que o meu posicionamento era porque eu era de esquerda e porque eu era lésbica, e que eu estava querendo influenciar os alunos e as alunas, desviando eles, da virtude, da boa sociedade, da família e jogando eles para doutrinação de gênero e ficou um clima muito pesado na escola, que infelizmente a gente teve que se impor, de dizer que quer eles enxergassem que fosse por doutrinação nossa, por querer impor a nossa sexualidade, mas que ali enquanto uma escola democrática, uma escola aberta o regime adotado não seria aquele, seria de liberdade mesmo como o nosso alunado. (Docente B, julho/2021).

Franco (2009, p. 122) nos diz que “a discussão e a visibilidade da homossexualidade na escola, assim como da sexualidade no sentido geral, são questões resistentes e rodeadas de tensão”, é justamente isso que podemos inferir a partir do relato da Docente B, observamos um cenário de professores cheios de preconceito e que reprimem alunos por serem diferentes, por não agirem conforme esperado pela sociedade heterossexista que temos. Onde mesmo a ação de alguém em defesa da diversidade é vista como favoritismo, pelo fato da Docente B ser lésbica e pertencer ao grupo da diversidade.

Na visão dos professores que assim agem, falar sobre as sexualidades, sobre os gêneros é ir contra um ideal de virtude e sociedade muito alinhados a uma visão cristã e fundamentalista de sociedade, os que defendem a diversidade em última instância estão imersos em um processo de doutrinação, como se a homossexualidade fosse aprendida ou passada de um sujeito a outro.

Podemos perceber a falta de uma formação docente que discuta a diversidade, que oportunize espaços de reflexão, onde professores não transformem a escola para alunos de sexualidades dissidentes em um lugar de mutilação de quem se é. Na esteira desse pensamento Silva e Miranda

(2018, p. 6) afirmam que “de nada adianta desenvolver materiais didáticos que tratem da temática LGBT, se esses/as profissionais não estiverem aptos para trabalharem com o assunto”.

A Docente B nos falou ainda sobre sua atuação na luta por uma escola mais democrática para todos e todas, nos trouxe relatos sobre sua ação contra atos de bullying sofrido pelas crianças, além de elucidar a forma como isso reverberava no desempenho escolar, buscava então contornar a situação promovendo palestras, conversando chamando a família, o que segundo ela acabou funcionando como um imã. Nesse sentido a indagamos se ela percebia uma aproximação maior de alunos possivelmente LGBTQIA+ com ela, e como forma de exemplificar ela nos conta uma experiência que teve com uma adolescente.

Sim, na verdade assim, o fato de a gente sempre tratar de acolher e bater [na tecla] muito no tocante ao homem e mulher, no adolescente e da criança negra, da mulher, ao gay, então isso acabou criando um certo imã para gente. [...] Você imagina por exemplo a situação de uma adolescente que hoje já deve estar maior de idade eu tenho acompanhado ela já a uns 4 anos, mas a família, mesmo eu chamando, chamei mãe, chamei avó, não abraçaram, não enxergaram e sempre excluíram, isso fez com que a cabeça fosse de tumulto, fosse um verdadeiro carrossel de emoções, mesmo a gente tendo conseguido acompanhamento psicológico dentro do município, fez 6 meses de acompanhamento, depois ela deixou de acompanhar e isso perturbou demais, ela ficou sem se descobrir, sem saber onde ela estava de verdade, se realmente era gay se realmente era lésbica, se era bi, se era hetero, não sabia não é?, e a última vez que tive contato com ela, ela estava grávida, grávida de um rapaz recém separado que tinha idade de ser avó dela, que eu fiquei indignada demais porque eu vi que na época era uma menina ainda, então uma pessoa com a mente em conclusão, inclusive os filhos dele frequentavam a sala de aula com ela, então assim, eu vi ali uma violação muito grande, conversei com ela se ela não tinha, se ela não queria fazer uma denúncia, mas aí a fala dela me doeu mais ainda, ouvir ela dizer: “E quem é que vai cuidar do meu filho? Porque minha avó e minha mãe não me aceitam, eu vou cuidar dele como?”. Então assim, essa é uma situação que nos desgasta demais, e ver que a escola tem falho no mesmo tamanho que as famílias quando não enxerga e não reconhece os seus filhos como eles de fato são. Porque um adolescente com uma cabeça dessa, em um mundo desse, descobrindo o próprio corpo mas a cabeça não acompanha essas descobertas, sem ter o acolher da família, você se perde em uma situação dessas, não sei se amanhã ela vai retomar e perceber que ela é gay ou se ela vai achar

melhor permanecer nos pés dessa pessoa que parece avô dela, com uma criança nos braços, sendo uma criança para cuidar de outra. (Docente B, julho/2021).

Podemos perceber o empenho desenvolvido pela entrevistada, na perspectiva de ajudar alunos e alunas que não se enquadram no perfil de sexualidade esperado, e isso efetivamente é um grande desafio para a escola, pois além da luta para fazer com que o diálogo circule no espaço escolar tem a dinâmica da família, que as vezes por questões religiosas ou de convicções pessoais, não se abre para o diálogo e nem abraçam seus filhos e filhas dissidentes.

Essa realidade embora para alguns pareça coisa do passado ainda é uma realidade enfrentada por muitos e muitas homossexuais. Felix (2015) alerta para a urgência em promovermos reflexões que contribuam para que professores e professoras compreendam a importância de se falar, discutir e refletir sobre gênero.

Tivemos outra situação que a gente tentou muito ajudar e até hoje sempre esbarra na escola, uma adolescente muito perturbada, também na fase de descoberta e que ela vivia saindo de escola em escola porque sempre tinha os flagras dos colegas, então ela sofria bullying, sofria homofobia na escola, e em um dos últimos ela foi parar no Iracema, mas uma menina muito bonita, uma menina muito fácil de lidar porque fazia amizade com facilidade e isso era bom e era ruim para ela. Era bom porque ela conseguia se entrosar muito rápido e ruim porque gerava ciúmes e em uma dessas situações, atacaram ela no horário do lanche, jogaram comida nos cabelos dela, mas aí a gente acolheu na secretaria e fez com que a gente puxasse ela mais para perto da coordenação também, nos dias posteriores ela conversava muito com a gente, não estava bem, tinha crises de pânico em sala de aula a gente levava para a secretaria e conversava com ela e ela foi se abrindo, abrindo a ponto de dizer que ela gostava de meninas, aí foi que a gente foi entendendo, o fato de ela ter saído de outras escolas e está passando por essas situações dentro da escola atual que ela estava e quando a gente chamou a tia, que era a pessoa que estava responsável por ela, para conversar, a tia evangélica, numa loucura tirou a menina da escola, que não admitia, a gente foi explicar que isso era normal na fase de descoberta da adolescência, da pessoa poder ter espaço e suporte dentro da família, dentro da escola, para poder saber quem é de verdade. [Para a tia] Era pecaminoso e inconcebível para a família, eu me senti na minha própria família, na minha época quando quiseram me mandar para o Rio. [...] E ela retirou a menina da escola, podia cancelar, podia preparar

a transferência, isso eu acho que foi em uma quarta-feira e no sábado a menina tentou suicídio. Tomou duas cartelas de medicação tarja preta, graças a Deus deu tempo levar ao hospital, fizeram uma lavagem, mas ficou uma jovem muito perturbada, e eu lamento muito de que a nossa educação ainda, eu falo na pública porque é nela que eu vivo a vida inteira, tanto quanto aluna como professora, não tem ainda profissionais e eu não falo só professores, porque a gente é tudo, a gente é professor, a gente é enfermeiro, a gente é psicólogo, a gente é mãe, é tia, é amiga, a gente é tudo. Mas aí a gente não tem o preparo para acompanhar de verdade o aluno. E a gente percebe que por um lado a sociedade ela continua do mesmo jeito, excludente, cheia de regras, que tem perfis que se enquadram nela e perfis que ela queima, que ela exclui, que ela expõe, que ela ridiculariza, e as nossas famílias e a religião, infelizmente, na sua maioria ela tem corroborado demais para que a gente continue sendo um dos países que mais tem índice de suicídio na adolescência, pela falta da não aceitação de quem não escuta. (Docente B, julho/2021).

Nós vivemos em uma sociedade onde ainda se mantém o discurso de uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2020), e tudo que foge a essa norma é tido como estranho, não desejável e passível de exclusão. Mesmo com os altos índices de suicídio, com os frequentes relatos de mortes de pessoas LGBTQIA+ por homofobia nada parece sensibilizar as classes mais fundamentalistas de nosso país, que ainda nos acusam de estarmos exigindo privilégios.

Como apontado pela nossa entrevistada a sociedade ainda se mantém em certa medida homofóbica, grupos religiosos, inseridos no campo político de nosso país vivem barrando pequenos avanços que a comunidade homossexual tenta alcançar. Vale ressaltar a Base Nacional Comum Curricular que trazia uma discussão um tanto quanto ousada sobre gêneros e sexualidades, mas que após sua primeira divulgação por pressão da bancada religiosa teve sua versão final alterada, “justamente nos capítulos sobre a pluralidade educacional, todas as menções a “identidade de gênero” e “orientação sexual” foram misteriosamente suprimidas [...]” (TREVISAN, 2018, p. 462)

No ano passado nossa entrevistada se lançou a candidatura para o cargo de vereadora e como forma de divulgação de suas ideias promoveu algumas lives onde trazia especialistas para falar sobre diferentes temas, um dos temas propostos eram os LGBTQIA+, entretanto essa ela não conseguiu realizar.

Então assim, por mais que a gente diga que tenta separar, a gente não consegue, mas aí quando eu falo no profissional, no tocante da minha postura enquanto professora, enquanto educadora, sempre mantive, mas aí enquanto ser humano, enquanto mulher, enquanto gay sempre me posicionei e eu acho que a gente tem que ser muito disso. Ano passado eu tentei muito, a gente fez alguns ciclos de live, de discussões por ocasião da campanha e uma eu sai muito triste porque eu não consegui fazer, foi justamente a live LGBT, parece mentira, eu procurei cinco amigos para virem conversar comigo, todos professores, desses cinco, quatro universitários, e nenhum deles disseram que tinham condições de vir, por medo dos ataques que sofreriam lá, não mais pelo aluno em si, mas pela coordenação do curso, porque era muito rigoroso, e estavam tendo corte de pessoal e eles tinha medo de entrar nessa cota, pelo fato de eles serem gays, e agora de repente estarem em uma live. O declarar deles. E eu fiquei muito triste, você enquanto professor, eu me vejo muito dessa forma sabe, de reconhecer que a gente está aqui enquanto professor, independente de qual seja o nível que você atue, do infantil ao superior, é de derrubar, qualquer obstáculo, qualquer barreira que exista no crescimento do outro indivíduo, e quando você não consegue auxiliar a sua como você consegue auxiliar o outro?, e eu fiquei muito triste com isso, mas compreendi e respeitei, embora discordasse, mas compreendi e respeitei, porque eu sei o que é nossa fonte de renda, para mim é muito mais tranquilo no tocante tipo assim, eu sou concursada, efetiva, tirando o fato de que eu cometa uma falha muito grande que vá esbarrar em um processo administrativo eu estou assegurada, até hoje não é?, se o governo não mudar. (Docente B, julho/2021).

Mas do que nunca vivemos em busca de fissuras que nos permitam falar, dialogar e lutar pelo comunidade LGBTQIA+, embora vivamos em uma sociedade que se diz democrática percebemos através do relato acima que existem meios de controle e manipulação dos corpos docentes, sejam da rede básica de ensino, ou mesmo do ensino superior.

Conforme dito pela Docente B, no relato acima, nem mesmo professores universitários, estão isentos de terem suas práticas controladas, no sentido do silenciamento da homossexualidade. Oriundos de instituições privadas eles temem perder seus empregos por de alguma forma se envolverem em questões que contemplem a comunidade LGBTQIA+, afinal seu envolvimento iria reverberar na instituição a qual estão vinculados.

Nesse sentido Amaro, Júnior e Ganem (2021, p. 7) afirmam que “estas ofensivas conservadoras buscam, sob o manto de defesa da família, manter

a “escola no armário” e “amordaçar professores/as””. São formas de regulação e controle que se impõe a nós, educadores, que buscam cercear o nosso fazer educativo ou mantê-lo dentro de certos limites que interesse a elite dominante. Na contrapartida seguimos fazendo o que os autores chamaram de “microsubversões” que acontecem cotidianamente, em ações como as relatadas pela Docente B, na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debruçar-se sobre os estudos a respeito de gêneros e sexualidades se constitui como espaço pertinente e emergente de atuação, pesquisas, estudos e análises. Somos atacados o tempo todo, a todo custo tentam desgastar a nossa luta e desmerecer ou mesmo desqualificar nossas pesquisas.

O presente estudo mostrou como a formação docente de um professor/a homossexual se constitui em um cenário de lutas e conflitos, embora alguns sintam de forma mais efusiva, outros de forma mais suave, o fato é que ser professor/a e homossexual implica desafios diferentes quando se é heterossexual. Primeiro a escolha entre viver no anonimato para quem sabe ter uma atuação profissional mais tranquila ou enfrentar os preconceitos e discriminações que poderão se levantar no decorrer do caminho, ao tornar público sua identidade sexual.

Podemos perceber que entre o silêncio e o anonimato a homossexualidade é tolerada, e esse ideal não é diferente dentro do espaço educativo, observemos a forma como a Docente B passou a ser tratada quando o fato de ser lésbica passa a fazer parte do espaço público. E é interessante como tanto o Docente A e a Docente B fazem do anonimato uma espécie de escudo, afinal nossa sociedade tende a excluir os que a ela não se adaptam.

As primeiras impressões que passamos a inferir nos primeiros dados da pesquisa dizem sobre um espaço educativo marcado pelo conservadorismo e pela preservação e afirmação da heterossexualidade enquanto normalidade e em sua volta orbitam as sexualidades dissidentes que dentro dessa lógica é compreendida como escolha e como um erro, algo que deve ser suprimido, esquecido e anulado.

Os relatos de alunos que enfrentam diversos problemas oriundos do preconceito frente a sua homossexualidade são fortes, alguns quase morreram, outros não conseguiram obter uma formação para a vida nem para a cidadania. A escola ao que parece seleciona pessoas e os que a ela não se enquadram ficam de fora.

Nesse cenário seletista as identidades docentes tem se constituído. Algumas com a propositura de lutar por melhorias e igualdade, na contramão entretanto observamos docentes que demonstram um profundo desconhecimento para com as demandas das diversidades sexuais e de gêneros. Tratando o assunto com descaso e desdém.

Construir rupturas nesses espaços, educar para a cidadania e oportunizar espaços de debates e reflexões sobre as questões de gêneros e sexualidades se mostram como ações necessárias as escolas e a comunidade em geral.

Na luta contra a discriminação e contra a homofobia, o apoio familiar é fundamental. As ações educativas com a perspectiva da desnaturalização de ideias que demonizam pessoas pode colaborar em melhoras escolas, em espaços educativos mais preparados de fato para ser diverso, plural e inclusivo.

O presente estudo que segue coletando e analisando dados não tem por finalidade trazer soluções imediatas que sanem todas as demandas que aqui foram apontadas. Mas busca evidenciar caminhos que precisam ser revistos e melhorados pela instituição escolar e seus responsáveis.

A pesquisa apontou ainda para a necessidade de formação docente, na perspectiva de preparar os professores para lidar com a diversidade. Compreender seu alunado, sem preconceitos ou ideais que se vinculam a convicções pessoais. A escola é feita por e para todos e todas, nesse sentido ela deve de fato ser um espaço potente para o desenvolvimento de todos e todas, sem nenhuma restrição.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

AMARO, Ivan; JÚNIOR, Dilton Ribeiro Couto; GANEM, Bruno Rodrigues. “Eu rebolo até o chão mesmo!”: vidas precárias e corpos de gênero dissidentes no cotidiano escolar. **Revista Exitus**, Santarém – PA, v. 11, p. 01-24, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.24065/2237-9460.2021v11n1ID1559>>. Acesso em 23 de ago. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 19 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2020.

FELIX, Jeane. Gênero e formação docente: reflexões de uma professora. **Espaço do Currículo**, v. 8, n. 2, p. 223-231, mai./ago. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n2.223231/13923>>. Acesso em 19 ago. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, Neil. **A diversidade entra na escola**: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero. 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Retratos da Escola**. v. 7, n. 13, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.22420/rde.v7i13.320>>. Acesso em 23 ago. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MIRANDA, Joseval dos Reis. Educação sexual e sexualidades: reflexões sobre ações extensionistas na formação de professores/as. **Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 168-181, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1807-0221.2018v15n28p168>>. Acesso em 19 ago. 2021.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 2007.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 2007.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**: Relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador – BA: Grupo Gay da Bahia, 2020.

SALES, Romualdo da Silva. **A diferença vai à escola**: problematizando as articulações discursivas e epistemológicas sobre os marcadores sociais da diferença no espaço educacional. 2019. 88 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SILVA, William Dias; MIRANDA, Joseval dos Reis. **Escola e as sexualidades**: como os/as professores/as compreendem as várias identidades sexuais e de gênero. XIII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 2018. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42125>>. Acesso em 23 ago. 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.